

## **GÊNERO NA PERSPECTIVA DO PÓS-DESENVOLVIMENTO NA AMÉRICA LATINA: uma revisão integrativa.**

**KELLEN CRISTINA DE ABREU**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS

**ISABELA APARECIDA DE ABREU**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS

**JOSÉ DE ARIMATÉIA DIAS VALADÃO**

### **Introdução**

Ao rebater a ideia eurocêntrica, a corrente do pós-desenvolvimento busca alternativas, dando origem a um amplo e heterogêneo movimento de crítica ao desenvolvimento. Essa perspectiva crítica abre espaço também para o debate com a teoria feminista e os diversos movimentos de mulheres afro-latino-americanas que têm discutido a importância de se levar em consideração a diversidade das mulheres latinoamericanas, não sendo estas apenas indivíduos passivos das políticas propostas pela perspectiva do desenvolvimento.

### **Problema de Pesquisa e Objetivo**

Como a questão de gênero tem sido tratada na literatura do pós-desenvolvimento na América Latina? Para responder esse questionamento é importante entender a convergência da discussão do pós-desenvolvimento com a temática de gênero situada na literatura que trata da América Latina. Por meio desta revisão integrativa, pretende-se contribuir com esse debate na perspectiva do entendimento sobre como a questão de gênero tem influenciado na teoria de pós-desenvolvimento nos estudos sobre a América Latina e nas tendências da discussão para o futuro.

### **Fundamentação Teórica**

A temática central dos artigos abordados nesta revisão é o pós-desenvolvimento em uma perspectiva pós-estruturalista. Na maioria dos trabalhos, a América Latina é objeto de estudo, estando de vez em quando ao lado de outros povos também chamados de “subdesenvolvidos”, como Ásia e África (ALVAREZ, 2014; ARIAS, 2007; ESCOBAR; ESTEVA, 2016 e outros). Vários trabalhos abordam questões relacionadas ao debate de gênero dentro da teoria do pós-desenvolvimento como um aspecto indispensável (ALVAREZ, 2014). E outros acabam sendo levados a discutir gênero ao longo de seus estudos.

### **Metodologia**

Este estudo é uma revisão integrativa. As bases de busca foram Scielo, Redalyc, Scopus, Web of Science, Spell e Google Acadêmico. A busca foi feita em português, inglês e espanhol, com os termos: “pós-desenvolvimento”, “América-Latina” e “gênero”. Todas as buscas foram feitas por “tópico” (título, resumo e palavras-chave). Foram habilitados apenas artigos científicos, sem recorte temporal. No total esta revisão contou com 24 artigos. Depois de profunda análise de todos os artigos na íntegra, se iniciou o processo de síntese e problematização da literatura analisada.

### **Análise dos Resultados**

O pós-desenvolvimento se coloca então como resposta às inquestionáveis críticas recebidas pelo desenvolvimento e suas propostas estrangeiras. A questão de gênero é crucial nesses artigos. Gênero é um aspecto importante na discussão do pós-desenvolvimento porque há a valorização do pluriverso em uma perspectiva transmoderna, onde as mulheres são protagonistas na luta contra as prerrogativas do desenvolvimento e as relações assimétricas entre América Latina e a visão eurocêntrica.

### **Conclusão**

Este estudo pretendeu apresentar a discussão da literatura envolvendo pós-desenvolvimento no contexto latinoamericano e sua relação com as questões de gênero. Constatou-se que a temática de gênero é um aspecto importante no arcabouço das propostas do pós-desenvolvimento. Ou seja, só se é possível pensar em pós-desenvolvimento, pensando nas questões de gênero e reparando as desigualdades que marcam a sociedade.

### **Referências Bibliográficas**

ALVAREZ, Sônia E. Engajamentos ambivalentes, efeitos paradoxais: movimentos feminista e de mulheres na América Latina e/ou contra o desenvolvimento. *Revista Feminismos*. v. 2, n. 1, 2014. ARIAS, Hortensia Caballero. (Post)desarrollo. *Antropología y Estado en Venezuela: La nueva lógica de la participación local*. Espacio Abierto, Universidad del Zulia Maracaibo, Venezuela, v. 16, n. 1, 2007. ESCOBAR, Arturo; ESTEVA, Gustavo. Postdesarrollo a los 25: sobre ‘estar estancado’ y avanzar hacia adelante, hacia los lados, hacia atrás y de otras maneras. *Polisemia*, n. 22, 2016.

### **Palavras Chave**

pós-desenvolvimento, gênero, revisão integrativa

### **Agradecimento a órgão de fomento**

Agradecemos à CAPES pela oportunidade de nos dedicarmos à pesquisa e ao conhecimento, buscando promover e participar de discussões importantes para o desenvolvimento da sociedade e da ciência.

# **GÊNERO NA PERSPECTIVA DO PÓS-DESENVOLVIMENTO NA AMÉRICA LATINA: uma revisão integrativa.**

## **1. Introdução**

O conceito de desenvolvimento em seu cerne remete-se ao “resultado do crescimento econômico seguido de melhoria na qualidade de vida de uma sociedade, ou seja, aumento do Produto Interno Bruto e a eficiência na alocação de recursos pelos diversos setores da economia, melhorando o bem-estar econômico e social [...]” (OLIVEIRA; NETO; SOUZA, 2018, p. 72).

Entretanto, várias críticas surgiram da aplicação desse modelo nos países ditos subdesenvolvidos. Primeiro, é importante considerar que o desenvolvimento parte de uma visão colonizadora do mundo – a ontologia eurocêntrica (SOLDATELLI; CORONA; IAGNECZ, 2019; ESCOBAR, 2005, 2012; GOÉS; KEMPF; BORBA, 2019 e outros). Segundo, há uma solidificação do conceito hegemônico de desenvolvimento, onde o modo europeu é único e ideal (SOLDATELLI; CORONA; IAGNECZ, 2019; ESCOBAR 2012; ESCOBAR; ESTEVA, 2016 e outros). Terceiro, a natureza é submetida a estratégias predatórias (CUESTAS-CAZA, 2019; ESCOBAR, 2005 e outros). Quarto, a globalização compulsória desestrutura modos alternativos de coletividade e de relações com a natureza (SAMPER-ERICE; CHARÃO-MARQUES, 2017; ASHER, 2004; VALLEJO; ZAMORA; SACHER, 2019 e outros). Quinto, desconsidera a autonomia dos povos (ESCOBAR, 2005; ESCOBAR; ESTEVA, 2016). Sexto, coloca as mulheres como objetos passivos no processo de desenvolvimento (ALVAREZ, 2014; SOLDATELLI; CORONA; IAGNECZ, 2019).

Nesse contexto de crítica ao desenvolvimento, tido como o paradigma da economia capitalista globalizada, surge uma nova discussão: o pós-desenvolvimento. Surgida no campo das teorias críticas, a discussão sobre pós-desenvolvimento busca problematizar a complexidade das realidades nos mais diversos contextos, negando a ideia única de desenvolvimento cunhada em um “mapa” que todas as nações “subdesenvolvidas” devem seguir para alcançar o desenvolvimento.

De acordo com Amaro (2017), essa discussão se popularizou na academia latinoamericana na década de 1990, onde “a corrente do pós-desenvolvimento se afirmou, propondo o fim da era do desenvolvimento e o início de uma nova era, liberta das influências negativas de um conceito, dominado por intenções geoestratégicas de natureza capitalista, colonialista e patriarcal” (AMARO, 2017, p. 82).

Ao rebater a ideia conservadora de desenvolvimento, essa corrente busca alternativas ao desenvolvimento amplamente difundido e aceito tanto no âmbito acadêmico quanto no âmbito político, dando origem a um amplo e heterogêneo movimento de crítica ao desenvolvimento (ESCOBAR, 2005, 2007, 2012; SAMPER-ERICE; CHARÃO-MARQUES, 2017; ASHER, 2004; VALLEJO; ZAMORA; SACHER, 2019 e outros).

Essa perspectiva crítica abre espaço também para o debate com a teoria feminista e os diversos movimentos de mulheres afro-latino-americanos (GONZALEZ, 2020), que têm discutido a importância de se levar em consideração a diversidade das mulheres latinoamericanas, não sendo estas apenas indivíduos passivos das políticas propostas pela perspectiva do desenvolvimento (ALVAREZ, 2014).

### **1.1 Problema de pesquisa e objetivos**

Diante dessa exposição introdutória a respeito da problemática do pós-desenvolvimento, tem-se como problema de pesquisa o seguinte: como a questão de gênero tem sido tratada na literatura do pós-desenvolvimento na América Latina? Para responder esse questionamento é importante entender a convergência da discussão do pós-desenvolvimento com a temática de gênero situada na literatura que trata da América Latina.

Pretende-se contribuir com esse debate na perspectiva do entendimento sobre como a questão de gênero tem influenciado na teoria de pós-desenvolvimento nos estudos sobre a América Latina e nas tendências da discussão para o futuro. Dessa forma, esse artigo é uma revisão integrativa, cujos detalhes são traçados na seção seguinte.

## 1.2 Informações metodológicas

O método base para a construção desse estudo foi o método de revisão integrativa temática proposto por Torraco (2016), que em suma visa “revisar, sintetizar e criticar a literatura”, bem como “responder a questões de pesquisa específicas sobre o tema” (TORRACO, 2016, p. 411).

As bases de dados escolhidas para compor a fonte de busca deste estudo foram Scielo, Redalyc, Scopus, Web of Science e Spell. A busca foi feita em português, inglês e espanhol, com os termos chave para este estudo: “pós-desenvolvimento”, “América-Latina” e “gênero”. Todas as buscas foram feitas por “tópico” (título, resumo e palavras-chave). Foram habilitados apenas artigos científicos, sem recorte temporal. Na Scopus foi encontrado 1 artigo e na Redalyc foram encontrados 5 artigos.

Para enriquecer tanto o número de artigos quanto suas abordagens, resolveu-se acrescentar uma busca no Google Acadêmico. Foi feita uma busca avançada com o recurso “com todas as palavras” usando o seguinte termo “*pós-desenvolvimento gênero América Latina*”, em português, inglês e espanhol, o que resultou em 18 artigos.

No total, esta revisão contou com 24 artigos. Depois de profunda análise de todos os artigos na íntegra, se iniciou o processo de síntese (TORRACO, 2016, p. 420) e problematização da literatura analisada.

## 2. Apresentação dos artigos

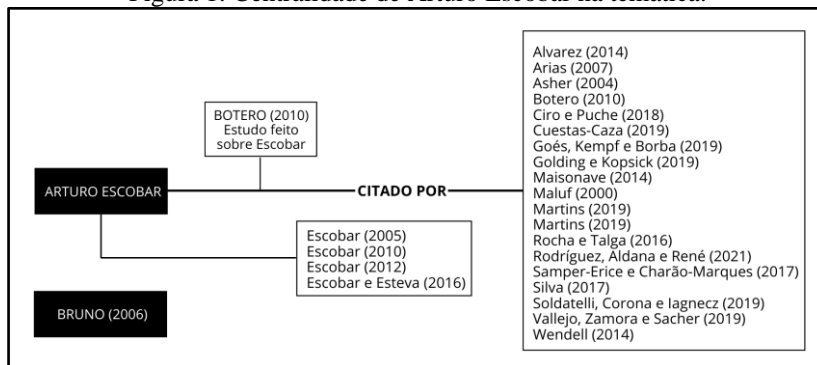
A temática central de todos os artigos abordados nesta revisão é o pós-desenvolvimento em uma perspectiva pós-estruturalista e pós-moderna. Na maioria dos trabalhos, a América Latina é objeto de estudo, estando de vez em quando ao lado de outros povos também chamados de “subdesenvolvidos”, como Ásia e África (MARTINS, 2019; ALVAREZ, 2014; ARIAS, 2007; BOTERO, 2010; ESCOBAR; ESTEVA, 2016; CIRO; PUCHE, 2018; MAISONAVE, 2014, entre outros).

Vários trabalhos abordam questões relacionadas ao debate de gênero dentro da teoria do pós-desenvolvimento como um aspecto indispensável (ALVAREZ, 2014; SOLDATELLI; CORONA; IAGNECZ, 2019; VALLEJO; ZAMORA; SACHER, 2019; ASHER, 2004, SAMPER-ERICE; CHARÃO-MARQUES, 2017).

Todos os artigos da busca, com exceção de Bruno (2006), trazem os trabalhos de Arturo Escobar. Seus trabalhos mais citados são os de 1998, 2000, 2012 e 2016. Um dos artigos, de Botero (2010), se dedica exclusivamente ao pensamento de Arturo Escobar. Já de autoria do

próprio Escobar foram encontrados, a partir da busca, cinco artigos: Escobar (2005), Escobar (2010), Escobar (2012) e Escobar e Esteva (2016).

Figura 1: Centralidade de Arturo Escobar na temática.

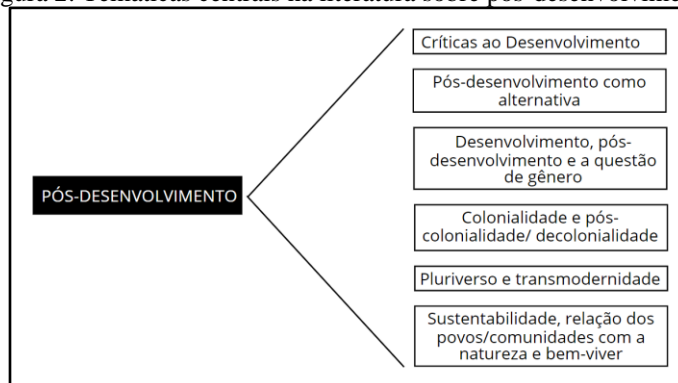


Fonte: Elaboração própria.

De modo geral, os artigos buscam problematizar sobre a inadequabilidade dos pressupostos do desenvolvimento para a América Latina. Considerando que se trata de um conceito hegemônico e eurocêntrico exportado para as ex-colônias, ele reflete ainda o pensamento do colonizador – homem branco heterossexual (CUESTAS-CAZA, 2019; ASSIS, 2014; MARTINS, 2019; SILVA, 2017; ESCOBAR, 2005; GOÉS; KEMPF; BORBA, 2019; SOLDATELLI; CORONA; IAGNECZ, 2019; ESCOBAR, 2012).

Foram identificados alguns pontos importantes na literatura abordada, que serão apresentados nas subseções seguintes, conforme figura 2.

Figura 2: Temáticas centrais na literatura sobre pós-desenvolvimento.



Fonte: Elaboração própria.

## 2.1 Críticas ao desenvolvimento

Os artigos abordados têm como pano de fundo a problematização do conceito de desenvolvimento, se voltando para o pós-desenvolvimento como crítica às deficiências do desenvolvimento e sua (des)utilidade para a América Latina.

É importante considerar que o desenvolvimento esteve, desde sua concepção, ligado a uma visão colonizadora do mundo – a visão eurocêntrica. Goés, Kempf e Borba (2019) apontam

que “existe um impulso colonial de relacionar como sinônimo de progresso e desenvolvimento o modo de vida do branco, enquanto que o indígena e o negro, como subdesenvolvido e ignorante” (GOÉS; KEMPF; BORBA, 2019, p. 10). Ou seja, existe, mesmo que não clara, a “dominação dos corpos incivilizados” (SOLDATELLI; CORONA; IAGNECZ, 2019, p. 2). De acordo com Rodriguez, Aldana e Ortíz (2012), na “[...] solidificación del concepto hegemónico de desarrollo, se consolida el destino europeo como único posible y se establece el mercado como destino ideal, descalificando, excluyendo otros modelos de vida, de bienestar, de satisfacción de necesidades [...]” (RODRIGUEZ; ALDANA; ORTÍZ, 2012, p. 109).

Além do aspecto humano e cultural desconsiderado pelo desenvolvimento, há também na literatura o destaque para o impacto que esse tipo de estratégia causa à natureza (CUESTAS-CAZA, 2019). Em especial, Escobar (2005), busca problematizar os debates sobre o pós-desenvolvimento, o conhecimento local e os modelos culturais da natureza na perspectiva do “lugar”, em oposição à globalização. O autor se posiciona “em defesa do lugar”, a partir da “geografia pós-moderna e [d]a economia política, pós-estruturalista e feminista que abordam explicitamente a questão do lugar” (ESCOBAR, 2005, p. 70).

Outros autores também abordam questões ligadas à natureza e aos impactos ambientais do modelo de desenvolvimento em questão. Goés, Kempf e Borba (2019) falam do ecofeminismo, que segundo elas “surgiu como uma proposta contracultural que denunciou a associação desvalorizadora que o patriarcado estabelece entre as mulheres e a natureza” (p. 5). Soldatelli, Corona e Iagnecz (2019) apontam que “a visão eurocentrista traz [...] uma perspectiva segregacionista e separatista, pois assim o seria aquele que ocupasse um lugar diferente e superior à natureza e aos não-humanos” (p. 4).

De modo geral, os artigos apontam que a relação entre humano e natureza é um aspecto central para se pensar as perspectivas do pós-desenvolvimento (MARTINS, 2019), já que no desenvolvimento a natureza é tida como instrumento de exploração para o alcance do status de desenvolvido.

Em suma, o que os artigos apresentam é que a ideia de desenvolvimento é uma ideia que foi exportada pela Europa e replicada pela América do Norte (MALUF, 2000; GOÉS; KEMPF; BORBA, 2019), onde os países do sul global são colocados como não desenvolvidos comparados ao norte global, desenvolvidos e avançados. E estes “se autocompreendem como los modelos a imitar, más avanzados, más desarrollados (cognitiva, tecnológica, militar, económica y socioculturalmente) que el resto del mundo, con lo cual surge la idea de superioridad de la forma de vida occidental sobre todas las demás” (CUESTAS-CAZA, 2019, p. 59).

Tais críticas à ideia de desenvolvimento “capitalocêntrica” (ESCOBAR, 2005) e “eurocêntrica” (ESCOBAR, 2010; GOÉS; KEMPF; BORBA, 2019; SOLDATELLI; CORONA; IAGNECZ, 2019) que nasce de certas tendências pós-estruturais e feministas, começam a questionar as práticas do desenvolvimento (MALUF, 2000).

O que ocorre é que esse modelo não se encaixa na realidade latinoamericana pois desconsidera a autonomia dos povos e desmantela as práticas de coletividade, uma ideia muito cara aos povos ameríndios e afro-americanos, sobretudo nas regiões andinas (VALLEJO; ZAMORA; SACHER, 2019; ESCOBAR 2012). “As correntes mais recentes apontam que é necessário se afastar da ontologia eurocêntrica para conseguir construir as outras alternativas” (GOÉS; KEMPF; BORBA, 2019, p. 3).

## **2.2 Pós-desenvolvimento como alternativa**

Já que o desenvolvimento não se encaixa no contexto latinoamericano e suas prerrogativas são inválidas para as peculiaridades dos povos e sua diversidade, surge então o conceito de pós-desenvolvimento. “A noção de pós-desenvolvimento não propôs outra versão do desenvolvimento, mas questionou os modos pelos quais a Ásia, a África e a América Latina foram definidas como subdesenvolvidas [...]” (SILVA, 2017, p. 12).

O conceito de pós-desenvolvimento reivindica a diversidade dos povos e, sobretudo, as formas alternativas de solucionar a pobreza e a fome e promover o bem-estar (ESCOBAR, 2005; CUESTAS-CAZA, 2019; CIRO; PUCHE, 2018). Nessa mesma discussão sobre alternativas ao desenvolvimento, Escobar (2005) propõe o uso do termo “glocalidade”, onde há convergência entre a experiência adquirida no local e a experiência adquirida em espaços através de vivências à distância (por exemplo, na internet).

A preocupação com o local se dá porque o “lugar”

desapareceu no “frenesi da globalização” dos últimos anos, e este enfraquecimento do lugar tem consequências profundas em nossa compreensão da cultura, do conhecimento, da natureza, e da economia. Talvez seja o momento de reverter algumas destas assimetrias ao focar novamente a constante importância do lugar e da criação do lugar, para a cultura, a natureza e a economia – da perspectiva de lugar oferecida pelos próprios críticos (ESCOBAR, 2005, p. 69).

A recusa a um modelo a ser importado indiscriminadamente é o cerne da ideia de pós-desenvolvimento, segundo os autores. Busca-se, por outro lado, por alternativas ao modelo capitalista, de valorização da natureza por meio de atividades sustentáveis, construindo “novas bases para a existência e rearticulações significativas de subjetividade e alteridade em suas dimensões econômicas, culturais e ecológicas” (ESCOBAR, 2005, p. 81).

En general, el ‘postdesarrollo’ surgió de una crítica postestructuralista, es decir, un análisis del desarrollo como conjunto de discursos y prácticas que tuvo un impacto profundo en la manera en que Asia, África y América Latina llegaron a ser consideradas como ‘subdesarrolladas’ y tratadas como tales (ESCOBAR, 2012, p. 31).

A ideia de pós-desenvolvimento então caminha em sentido contrário ao conceito de desenvolvimento. “Para el Sur Global, el post desarrollo, post-extractivismo y alternativas al desarrollo (Buen Vivir) y para el Norte Global, el decrecimiento (Economía del Bien Común, Iniciativa de Ciudades en Transición, entre otras)” (CIRO; PUCHE, 2018, p. 60).

### **2.3 Desenvolvimento, pós-desenvolvimento e a questão de gênero**

Uma crítica frequente nos artigos aqui abordados, a respeito do desenvolvimento, é que houve a invisibilização das mulheres e das problemáticas relacionadas a gênero. É nesse contexto que Goés, Kempf e Borba (2019) apontam “[...] a necessidade de conhecer alternativas ao desenvolvimento, descolonizadoras, latino-americanas e conceituadas pelas mulheres [...]” (GOÉS; KEMPF; BORBA, 2019, p. 3).

Na perspectiva do desenvolvimento, “as mulheres no “terceiro mundo” ou nos países “em desenvolvimento” eram majoritariamente vistas como objetos passivos de políticas voltadas para o controle da população, distribuição de alimentos e gerenciamento da pobreza” (ASHER, 2014 citada por ALVAREZ, 2014, p. 60).

Para entender a contribuição da teoria feminista, em oposição ao desenvolvimento e,

por conseguinte, entender como as questões de gênero levam ao pós-desenvolvimento e à teoria feminista decolonial, a partir desta revisão, é interessante ressaltar o estudo de Bruno (2006), intitulado “Third world critiques of western feminist theory in the post-development era”. Esse estudo se aprofunda na explicação das principais abordagens feministas do desenvolvimento, como são usualmente encontradas na literatura: Women in Development (WID), Women and Development (WAD) e Gender and Development (GAD) (BRUNO, 2006).

O que o autor apresenta em seu estudo são as críticas que o chamado feminismo ocidental (norte americano, emergido dos países “desenvolvidos”) recebe do chamado feminismo do “terceiro-mundo”, que ele também chama de feminismo não ocidental (Bruno, 2006). Segundo ele, a teoria feminista ocidental exportou “to the rest of the world a set of visions and strategies that were context specific for western women’s movements” (BRUNO, 2006, p. 4). Diante disso, o estudo dele busca “to identify some of the limitations that Third World feminist scholars have encountered in U.S. and European feminism to explain and interpret the advancement of women’s rights in the developing world” (BRUNO, 2006, p. 4). As contribuições desse estudo se dirigem à compreensão das particularidades das mulheres do “terceiro-mundo”, suas diversidades e as teorias feministas que surgem a partir desses contextos específicos. “Historically, also disparate regions of the world have led to the emergence of different versions of feminism, proving that contextual references do account for diversity in theoretical production” (BRUNO, 2006, p. 4).

A abordagem Women in Development (WID), agora tida como hegemônica, considerou que a opressão sofrida pelas mulheres era resultado “of traditional societies characterized by authoritarianism and male-dominance” (VISVANATHAN, 2002 citada por BRUNO, 2006, p. 4). A partir disso, era crucial sua integração ao mercado de trabalho e seu reconhecimento na esfera produtiva.

Já a perspectiva Women and Development (WAD), agrupa principalmente as contribuições de teóricas feministas marxistas, que trazem para a discussão as implicações do modo de desenvolvimento capitalista e a situação das mulheres no mundo em desenvolvimento, com foco para efeitos diversos entre mulheres de diferentes classes (BRUNO, 2006). Essa vertente aponta que “women are not excluded from the development process (as the WID approach might suggest) but that their inclusion may be granted through peripheral positions” (BRUNO, 2006, p. 6).

Em resposta a essas duas abordagens WID e WAD, surge uma terceira – Gender and Development (GAD) – em que, “by emphasizing gender relations more than women per se, [...] scholars embrace a more holistic perspective overcoming the narrow focus on productive (economic) or reproductive (motherhood) aspects of women lives” (BRUNO, 2006, p. 6). Ou seja, o foco se volta “on the fit between family, household or the domestic life and the organization of both political and economic spheres” (YOUNG, 2000 citado por BRUNO, 2006, p. 6).

A partir dessas abordagens e as críticas que primeiramente surgem à ideia de Women in Development (WID) e que depois recebe críticas da abordagem de Gender and Development (GAD), o feminismo não ocidental traçou importantes críticas ao chamado feminismo hegemônico, buscando apresentar questões centrais para compreender a vida das mulheres no “terceiro-mundo”, que são diversas entre si, em essência.

Observa-se, a partir do estudo de Bruno (2006), que não só a teoria geral do pós-desenvolvimento rejeita as estratégias eurocêntricas, mas também as teorias feministas afro-latino-americanas, para usar um termo de Lélia Gonzalez (2020), rejeitam as ideias do

feminismo hegemônico, propondo teorizações alternativas que levem em conta as particularidades de cada povo/comunidade.

Ainda dentro da perspectiva de gênero e da evolução do pensamento latinoamericano, outros artigos vão apresentar e problematizar sobre as chamadas “ondas” de ativismo e organização feministas que foram acompanhadas por variedades de teorizações feministas e que contribuíram para nutrir os objetivos e delinear as estratégias dos movimentos de mulheres na América Latina. Destacam-se os estudos de Alvarez (2014), Goés, Kempf e Borba (2019) e Soldatelli, Corona e Iagiecz (2019).

As ondas do movimento feminista são importantes para compreender onde se localizam as críticas feministas latinoamericanas recentes (pós-coloniais, decoloniais e pós-desenvolvimentistas).

A primeira onda se deu com o movimento sufragista no continente europeu e depois na América do Norte, no final do século XIX e no início do século XX. A prerrogativa era a busca pela igualdade de direitos à cidadania (SOLDATELLI; CORONA; IAGNECZ, 2019). A segunda onda do feminismo surge justamente com críticas ao conceito de desenvolvimento na década de 1970. Nesse contexto, as demandas surgem tanto nos países ditos desenvolvidos como também na América Latina (GOÉS; KEMPF; BORBA, 2019). Nessa onda, o feminismo inicia sua luta contra os valores da tradição ocidental e imposições sobre o corpo da mulher pelo Estado e pela Igreja. Finalmente, a terceira onda do movimento feminista tem seu berço no pensamento pós-estruturalista. “É quando teoricamente a categoria “gênero” aparece como categoria central da globalização, com o enfoque conhecido como “Gênero e Desenvolvimento” (Gender and Development, GAD)” (GOÉS; KEMPF; BORBA, 2019, p.5; BRUNO, 2006). Nessa onda, as feministas socialistas, “identificaram a divisão socialmente construída entre trabalho produtivo e trabalho reprodutivo como base da opressão das mulheres, e assentaram as bases para uma economia feminista de esquerda” (GOÉS; KEMPF; BORBA, 2019, p.5).

Essa terceira onda, que tem como foco críticas ao sistema capitalista e ao modo de produção ocidental sustentado pelo conceito de desenvolvimento, se torna muito forte e bastante importante para o desdobramento de pensamentos e alternativas ao modelo eurocêntrico. As teorias feministas críticas à noção de desenvolvimento têm como proposta, segundo Goés, Kempf e Borba (2019), se distanciar da ontologia eurocêntrica, engendrando críticas ao feminismo hegemônico com seu etnocentrismo ancorado no norte global, onde há a homogeneização da ideia de mulher (GOÉS; KEMPF; BORBA, 2019, p. 3).

## **2.4 Colonialidade e decolonialidade**

Apesar de as teorias decoloniais fazerem parte também das teorias críticas sobre as relações de poder entre os países ditos “desenvolvidos” e os países considerados por estes como “em desenvolvimento”, ela se distancia em vários aspectos da teoria sobre pós-desenvolvimento, questão que não será aprofundada neste estudo. Mas apesar de suas particularidades, o debate da colonialidade apareceu em alguns artigos desta revisão.

A colonialidade, de maneira ampla, pode ser definida como as relações assimétricas que perduram mesmo depois da independência das colônias em relação aos colonizadores europeus. “Do ponto de vista espacial, a expansão planetária dos impérios europeus, incluiu outras populações e outros territórios baseados na relação de poder e nos conflitos em virtude da exploração econômica e da (re)produção à contraluz da identidade europeia” (SILVA, 2017, p. 8). A colonialidade está relacionada com a implementação das estratégias de desenvolvimento



aplicadas indiscriminadamente aos países “subdesenvolvidos”. Ou seja, é a relação de subalternização lançada à América Latina, Ásia e África. Nesse sentido, “modernidad y colonialidad nacen juntas” (CUESTAS-CAZA, 2019, 59). “Las críticas al desarrollo tienen la necesidad, no solo de reconocer el Occidente no homogéneo, los pluriversos y la no idealización de los pueblos originarios, sino también que necesitan hacerlo desde una perspectiva decolonial [...]” (CUESTAS-CAZA, 2019, p. 57).

O que Cuestas-Caza quer dizer é que ao negar o desenvolvimento, nega-se também a relação assimétrica proporcionada pela colonialidade – relação entre colonizador e colonizado.

O termo pós-colonial também aparece em Assis (2014), onde o autor afirma que os estudos denominados pós-coloniais, que emergem do pensamento latinoamericano, buscam ressaltar o pensamento crítico emancipador (ASSIS, 2014, p. 613) e a autonomia dos povos em potencializar formas de bem-estar distintas das preconizadas pelo desenvolvimento.

Cuestas-Caza (2019), bebendo da teoria da decolonialidade, sobretudo das ideias de Aníbal Quijano, traz em seu estudo “la colonialidad del poder”, “la colonialidad del saber” e “la colonialidad del ser”, conceituando-os brevemente.

De acordo com ele, a colonialidade do poder se dá pelas “relaciones sociales de explotación/dominación/conflicto” e se sustenta por meio da “racialización/clasificación social de las relaciones de poder capitalista” (CUESTAS-CAZA, 2019, p. 64). A colonialidade do saber “se refiere a las formas de control del conocimiento asociadas a la geopolítica global dispuesta por la colonialidad del poder” (CUESTAS-CAZA, 2019, p. 60). Enfim, a colonialidade do ser está relacionada à ideia de autodenominação de “nós somos desenvolvidos”, o que impõe aos outros “o não ser desenvolvidos”. Assim, “cualquier manifestación o pensamiento sobre cómo gobernar que no estuviese dentro de la matriz cultural moderna/colonial fue sometida, silenciada y negada” (CUESTAS-CAZA, 2019, p. 61).

Nesse rumo, Golding e Kopsick (2019) confirmam a ideia de colonialidade que ainda persiste. O estudo deles analisa os programas de literatura da Cambridge Assessment International Education (CAIE), uma organização internacional de educação altamente influente que determina currículos e realiza exames para quase um milhão de alunos anualmente. Em sua análise, eles buscam entender a representação da literatura usada nos programas do CAIE para revelar potenciais dimensões coloniais e patriarcais.

The results of our study indicate that the colonial legacy of CAIE continues to shape its literature curricula. Upon close examination of the selected texts in CAIE literature courses, it is apparent that the authors represented in the syllabi are overwhelmingly male and from the Global North. [...] The results of this study demonstrate that in the CAIE literature syllabi, women from the Global South are being marginalized at the intersection of patriarchy and colonialism [...] (GOLDING; KOPSICK, 2019, p. 14-15).

A colonialidade, de forma geral, subjugas as formas distintas de existência e pensamento daquela europeia. “A violência que se instaurou a partir dos processos de colonização sobre os povos ameríndios e africanos marca a colonialidade como uma forma intensa de relações de poder que utilizam a classificação racial dos povos para instituir a dominação colonial” (GOÉS; KEMPF; BORBA, 2019, 3).

## 2.5 Pluriverso e transmodernidade

Outro conceito que aparece nos artigos desta revisão é o de “pluriverso”, que é um conceito muito presente na teoria decolonial. A ideia de pluriverso aparece nessa discussão no sentido de “un sinnúmero de alternativas de ser y estar en el mundo [...] los cuáles emergen desde las experiencias empíricas” que se encontram “más allá del theory room” (CUESTAS-CAZA, 2019, p. 57).

Nesse sentido, Escobar (2012) conceitua o pluriverso como sendo “un Mundo único bajo la hegemonía de ciertas concepciones de la racionalidad, el individuo, la ciencia, el mercado y la economía – hacia un verdadero pluriverso de mundos socio-naturales” (p. 25). Esse pluriverso de mundos sócio-naturais incorpora não só a diversidade entre os povos, culturas, etnias etc., mas também os demais seres e a natureza (SOLDATELLI; CORONA; IAGNECZ, 2019).

E daqui, do pluriverso, surge a ideia de transmodernidade. Soldatelli, Corona e Iagnecz (2019) buscam em Enrique Dussel a ideia para dizer que a transmodernidade é uma concepção que está para além da cultura eurocentrista moderna.

Nessa perspectiva, Escobar (2010) ressalta que

to talk about ‘alternatives to modernity’ or transmodernity thus means: to disclose a space of thought and practice in which the dominance of a single modernity has been suspended at the epistemic and ontological levels [...] Alternatives to modernity point to forms of organizing economy, society, and politics formas otras that offer other, if not better, chances to dignify and protect human and non-human life and to reconnect with the stream of life in the planet (ESCOBAR, 2010, p. 47).

Soldatelli, Corona e Iagnecz (2019) apontam que “é fundamental que exista um pluriverso transmoderno, que reconheça as muitas universalidades de produção de conhecimento como válidas, assim as visões europeias, islâmica, vedanta, taoista, budista, latino-americana, bantu etc., poderão traçar um diálogo crítico intercultural” (SOLDATELLI; CORONA; IAGNECZ, 2019, p.17-18). Enfim, “las críticas al desarrollo tienen la necesidad, no solo de reconocer el Occidente no homogéneo, los pluriversos y la no idealización de los pueblos originarios, sino también que necesitan hacerlo desde una perspectiva decolonial” (CUESTAS-CAZA, 2019, p. 57).

Para resumir o conceito de pluriverso, importa dizer que “no existe una noción única del mundo, el ser humano, la civilización, el futuro, o incluso lo natural que pueda ocupar totalmente el espacio de los estudios pluriversales (ESCOBAR, 2012, p.54). Ou seja, é importante considerar que as “categorías sociales como clase, etnicidad, raza, género sitúan a los individuos en un territorio político y administrativamente demarcado mientras se experimentan acelerados procesos interculturales y multiculturales” (ARIAS, 2007, p. 144).

## **2.6 Sustentabilidade, relação dos povos/comunidades com a natureza e bem-viver**

Olhando para a teoria do pós-desenvolvimento nota-se que a relação harmônica com a natureza é um dos seus pressupostos fundamentais. Segundo Escobar, já não é possível pensar a cultura separada da natureza; é necessário considerar as condições culturais e tecnológicas com que os atores se relacionam com a natureza (ESCOBAR, 2005).

Considerando a sustentabilidade como crucial, o pós-desenvolvimento se afasta mais uma vez do desenvolvimento. Isso porque

en aras de garantizar la acumulación capitalista, se incorporan nuevos territorios y

naturaleza del sur global, y por ende de América Latina, mientras se afectan socioecosistemas condenando a poblaciones locales a un malvivir y a la insustentabilidad social, económica, ecológica y cultural (VALLEJO; ZAMORA; SACHER, 2019, p. 13-14).

Nessa mesma direção, Arias (2007) busca, a partir da ideia de pós-desenvolvimento, fazer uma análise das estratégias de participação comunitária dentro do contexto do Estado venezuelano.

De acuerdo [con los] lineamientos propuestos por el Estado venezolano, la noción de desarrollo endógeno, basada en las ideas de Sunkel (1995), articula y engloba las propuestas de desarrollo sustentable, desarrollo local y desarrollo humano que se señalan en la constitución nacional y en el plan de desarrollo de la nación. El desarrollo endógeno se plantea como la alternativa para solventar los problemas de pobreza y exclusión en el país (ARIAS, 2007, p. 154).

O estudo empírico de Asher (2004) também logra contribuir para essa discussão na medida em que problematiza o conceito de “ser” e “ter”, em uma perspectiva étnica e de gênero em uma comunidade do pacífico colombiano. De acordo com a autora, dentro da ideia de desenvolvimento, a qualidade de vida é medida “mais através da satisfação das necessidades básicas, melhores salários e aumento do consumo, do que do fortalecimento do direito de ser diferente” (ASHER, 2004, p. 19). Seu estudo mostra que “os/as afro-colombianos/as vivem na região desde o período colonial e desenvolveram esses sistemas de produção econômica ecologicamente sustentáveis baseados/as nas tradições africanas e ameríndias” (ASHER, 2004, p. 19).

Rocha e Talga (2016), em seu estudo sobre o uso de agrotóxicos nos cerrados centrais do Brasil, concluem que as alternativas dos povos e grupos tradicionais, sobretudo por meio da agricultura coletiva e comunitária, “[...] garantiriam a vida sustentável sobre o planeta, a segurança alimentar para a humanidade; [e] a superação do trabalho escravo como franja inevitável do agronegócio, na acumulação capitalista” (ROCHA; TALGA, 2016, p. 783).

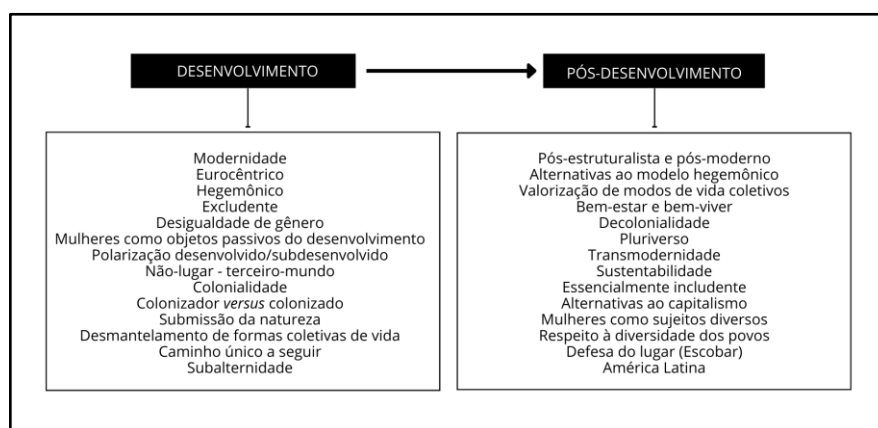
Observa-se que o modo de vida de algumas comunidades ou povos que possuem características mais coletivistas são, de acordo com os estudos, mais sustentáveis do que o modelo de desenvolvimento eurocêntrico e hegemônico.

### **3. Discussão dos resultados**

Situando a literatura analisada como vinda de uma perspectiva pós-estruturalista, é possível notar uma relação de colonizador *versus* colonizado, que ainda marca as relações e a situação de submissão dos povos latinoamericanos, sobretudo aqueles que priorizam a natureza e os modos de vida coletivos em detrimento da acumulação de capital.

O pós-desenvolvimento surge então como resposta às inquestionáveis críticas recebidas pelo desenvolvimento e suas propostas estrangeiras. Os modos de vida dos diversos povos latinoamericanos se mostram resistentes ao desenvolvimento e sua inevitável globalização. Na figura 3, são apresentadas as principais características de ambos os conceitos, a partir da literatura analisada.

Figura 3: Adjetivos atribuídos ao desenvolvimento e ao pós-desenvolvimento.



Fonte: Elaboração própria.

Partindo da figura anterior, observa-se que o pós-desenvolvimento busca alternativas ao desenvolvimento, sobretudo por estratégias que advenham do próprio povo que necessita alcançar o bem-estar, ou como denominado pelo próprio pós-desenvolvimento, o bem-viver.

A questão de gênero, presente em todos os artigos, aparece em alguns de forma central e em outros apenas adjacente a alguma discussão. Dos 24 artigos abordados, 9 tratam gênero como construto marcante na discussão a que se propõem ou que se torna crucial ao longo da discussão que fazem.

Góes, Kempf e Borba (2019), por meio de uma revisão bibliográfica, apresenta uma análise do feminismo comunitário, a partir da teoria decolonial. Ela relaciona os conceitos do feminismo comunitário como uma forma de descolonização dos corpos e saberes latino-americanos, os quais preconizam novas formas alternativas ao desenvolvimento.

Soldatelli, Corona e Iagnecz (2019) em seu trabalho sobre encarceramento feminino, por meio de uma pesquisa bibliográfica e documental, busca analisar a transmodernidade enquanto meio para ruptura com o paradigma de dominação de gênero e compreender se a transmodernidade pode levar à redução do índice de encarceramento feminino.

Vallejo, Zamora e Sacher (2019) não tratam da questão de gênero em um momento inicial, mas ao abordar a segregação social do espaço e territórios de resistência na América Latina, eles acabam esbarrando na questão de gênero: frentes de defensa y organizaciones emprenden, con un fuerte protagonismo por parte de las mujeres quienes afrontan la precarización de sus medios de vida” (VALLEJO; ZAMORA; SACHER, 2019, p. 11).

Ciro e Puche (2018), por sua vez, através de um estudo de caso, discutem sobre estratégias de empoderamento a partir da identidade cultural e do desenvolvimento local de mulheres indígenas no município de Santiago de Cali, na Colômbia.

Bruno (2006), por meio de uma revisão de literatura, busca apresentar as críticas das teorias feministas não ocidentais à teoria feminista hegemônica, por meio de uma perspectiva do pós-desenvolvimento.

Golding e Kopsick (2019) analisa os programas de literatura da Cambridge Assessment International Education (CAIE), a partir das lentes do feminismo pós-colonial e da teoria do pós-desenvolvimento, onde os resultados indicam “a clear bias in favor of European male authors and a consistent underrepresentation of women authors from the Global South” (GOLDING; KOPSICK, 2019, p. 7).

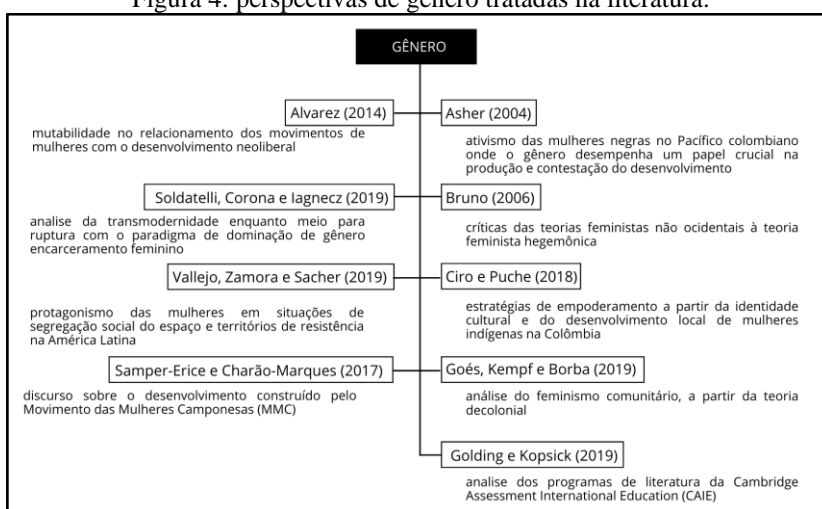
Asher (2004) volta-se à discussão do ativismo das mulheres negras no Pacífico

colombiano onde o gênero desempenha um papel crucial na produção e contestação do desenvolvimento. Ela explora como as organizações e redes de mulheres afro-colombianas moldam e são moldadas por iniciativas do Estado para desenvolver e modernizar a região do Pacífico.

Por fim, Samper-Erice e Charão-Marques (2017) têm como foco em seu estudo as mulheres camponesas. O artigo das autoras propõe uma reflexão sobre aspectos do discurso sobre o desenvolvimento construído pelo Movimento das Mulheres Camponesas (MMC), por meio de análise documental e observação participante em áreas rurais do Rio Grande do Sul. É central na discussão o papel das mulheres nas transformações relacionadas ao desenvolvimento, sobretudo tomando as práticas que incidem sobre a agricultura e a saúde.

Um resumo das questões de gênero presentes nos artigos pode ser observado na figura 4.

Figura 4: perspectivas de gênero tratadas na literatura.



Fonte: Elaboração própria.

A questão de gênero é crucial nesses artigos, já que as mulheres passam a reivindicar massivamente, a partir da terceira onda do feminismo, o seu lugar enquanto ator ativo e em movimento, além de sujeito diverso; e não apenas objeto passivo do desenvolvimento. Além disso, gênero é importante na discussão do pós-desenvolvimento porque há a valorização do pluriverso em uma perspectiva transmoderna, onde as mulheres são protagonistas na luta contra as prerrogativas do desenvolvimento e as relações assimétricas entre América Latina e a visão eurocêntrica (MARTINS, 2019; CUESTAS-CAZA, 2019; SOLDATELLI; CORONA; IAGNECZ, 2019; ESCOBAR 2010 e 2012; ARIAS, 2007).

#### 4. Conclusões

Este estudo pretendeu apresentar a discussão da literatura envolvendo pós-desenvolvimento no contexto latinoamericano e sua relação com as questões de gênero. Constatou-se que a temática de gênero é um aspecto importante no arcabouço das propostas do pós-desenvolvimento. Ou seja, só se é possível pensar em pós-desenvolvimento, pensando nas

questões de gênero e reparando as desigualdades que marcam a sociedade.

A terceira onda do feminismo, nascida nas discussões pós-estruturalistas, foi bastante importante no delineamento das demandas que se juntaram na construção da teoria do pós-desenvolvimento, se tornando fundamental para o desdobramento de pensamentos e alternativas ao modelo eurocêntrico.

Observou-se, a partir do estudo dos autores desta revisão, aproximações entre pós-desenvolvimento e decolonialidade. Quem também observou isso foi Cuestas-Caza (2019), ao mencionar que “existe uma forte conexão entre as abordagens pós-desenvolvimentista e decolonial” (p. 58). Mas, apesar disso, a bagagem conceitual de ambas as correntes não é mútua (CUESTAS-CAZA, 2019). Para pesquisas futuras, pretende-se aprofundar nas bases teóricas da teoria decolonial e da teoria pós-desenvolvimento, buscando suas raízes comuns e contrapontos, sobretudo a importância dos movimentos feministas latinoamericanos nesse contexto.

### **Agradecimentos**

Agradecemos à CAPES pela oportunidade de nos dedicarmos à pesquisa e ao conhecimento, buscando promover e participar de discussões importantes para o desenvolvimento da sociedade e da ciência.

### **Referências**

ALVAREZ, Sônia E. Engajamentos ambivalentes, efeitos paradoxais: movimentos feminista e de mulheres na América Latina e/em/contra o desenvolvimento. **Revista Feminismos**. v. 2, n. 1, 2014, pp. 57-77.

AMARO, Rogério. Roque. Development or post-development? De-(en)velopment and... noflay! **Caderno de Estudos Africanos**, 2017, v. 34, n. 75, p. 75-111.

ARIAS, Hortensia Caballero. (Post)desarrollo, Antropología y Estado en Venezuela: La nueva lógica de la participación local. **Espacio Abierto**, Universidad del Zulia Maracaibo, Venezuela, v. 16, n. 1, 2007, pp. 135-162.

ASHER, Kiran. Engendrando desenvolvimento e etnicidade nas terras baixas do Pacífico colombiano. **Revista Estudos Feministas**, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil, v. 12, n. 1, 2004, pp. 15-45.

ASSIS, Wendell Ficher Teixeira. Do Colonialismo à Colonialidade: expropriação territorial na periferia do capitalismo. **Caderno CRH**, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Brasil, v. 27, n. 72, 2014, pp. 613-627.

BOTERO, Patrícia. Arturo Escobar y sus fuentes críticas en la construcción de pensamiento latinoamericano. **Rev.latinoam.cienc.soc.**, n. 8, v. 1, 2010, pp. 151-173.

BRUNO, Javier Pereira. Third world critiques of western feminist theory in the post-development era. The University of Texas at Austin, 2006.

CIRO, Joana; PUCHE, Antonio Martínez. Estrategia para el empoderamiento diferencial desde la identidad cultural y el desarrollo local: Estudio de caso de las mujeres indígenas nasa del municipio Santiago de Cali - Colombia. **Revista Internacional de Ciencias Sociales**, n. 7, v. 2, 2018, pp. 59-73.

CUESTAS-CAZA, Javier. El discurso del desarrollo en las políticas públicas: del postdesarrollo a la crítica decolonial. **Revista TraHs: Trajetórias Humanas Transcontinentais**, n.4, 2019, pp. 53-67.

ESCOBAR, Arturo. O lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização ou pós-desenvolvimento? **CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales**, Buenos Aires, 2005, pp. 69-86.

\_\_\_\_\_. **La Invención del Tercer Mundo: construcción y desconstrucción del desarrollo**. Bogotá: Norma, 2007.

\_\_\_\_\_. Latin America at a crossroads : Alternative modernizations, post-liberalism, or post-development? **Cultural Studies**, Michigan State University, n. 24, v. 1, 2010, pp. 1-65.

\_\_\_\_\_. Más allá del desarrollo: postdesarrollo y transiciones hacia el pluriverso. **Revista de Antropología Social**, Universidad Complutense de Madrid, España, v. 21, 2012, pp. 23-62.

ESCOBAR, Arturo; ESTEVA, Gustavo. Postdesarrollo a los 25: sobre ‘estar estancado’ y avanzar hacia adelante, hacia los lados, hacia atrás y de otras maneras. **Polisemia**, n. 22, 2016, pp. 17-32.

GOÉS, Liz Meira; KEMPF, Renata Borges; BORBA, Carolina dos Anjos. Feminismos e Desenvolvimento: Uma análise decolonial do feminismo comunitário. **X Seminário Nacional Sociologia & Política: América Latina hoje - rupturas e continuidades**. Universidade Federal do Paraná (UFPR), 2019, pp. 1-18.

GOLDING, David.; KOPSICK, Kyle. The colonial legacy in Cambridge Assessment literature syllabi. **Curric Perspect**, n. 39, 2019, pp. 7–17.

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano**. Rio Janeiro: Zahar, 2020, 375 pp.

MAISONAVE, Almudena Cortés. Antropología, desarrollo e interculturalidad: propuestas desde América Latina. **Revista de Antropología Social**, n. 23, 2014, pp. 9-28.

MALUF, Renato S. Atribuindo sentido(s) à noção de desenvolvimento econômico. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 8, n. 15, 2000, pp.53-86.

MARTINS, Paulo Henrique. Pensando heterotopías no contexto pós-colonial: convivialismo, amor e bem comum. **Controversias y Concurrencias Latinoamericanas**, Asociación Latinoamericana de Sociología, Uruguay, v. 10, n. 18, 2019, pp. 159- 168.\_\_\_\_\_. Sociologia na América Latina: giros epistemológicos e epistêmicos. **Revista Sociedade e Estado**, v. 34, n. 3, 2019, pp. 689-718.

OLIVEIRA, Osmar Faustino; NETO, Manoel Raymundo de Carvalho; SOUZA, Flávio Antônio Miranda de. Sucinta introdução ao conceito de desenvolvimento econômico na perspectiva de Bresser-Pereira. **Revista de Economia Regional, Urbana e do Trabalho**. v. 07, n. 02, 2018, pp. 72-83

ROCHA, Nilton José dos Reis; TALGA, Dagmar Olma. Mídia e Agrotóxicos no Agronegócio do Capital, Envenenamento Humano e Simbólico do Planeta. **Razón y Palabra**, Universidad de los Hemisferios, Quito, Ecuador, v. 20, n. 94, 2016, pp. 770-790.

RODRÍGUEZ, Dustin Tahisin Gómez; ALDANA, Katheryne; RENÉ, Marco. Antropologías del desarrollo, enfoques alternativos y postdesarrollo. Breve revisión de conceptos y apuntes críticos. **Población y Desarrollo**, n. 27, v. 52, 2021, pp. 108-122.

SAMPER-ERICE, Adriana; CHARÃO-MARQUES, Flávia. Mulheres camponesas, discursos e práticas para outro desenvolvimento. **Revista Estudos Feministas**, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil, v. 25, n. 2, 2017, pp. 683-705.

SILVA, Maria Ferreira. Teorias do desenvolvimento e pós-desenvolvimento: uma análise epistemológica dos discursos científicos e práticas sociais emergentes na américa latina em suas bases decoloniais. XXXI **Congresso ALAS: Las Encrucijadas Abiertas de América Latina**, Uruguay, 2017, pp. 1-17.

SOLDATELLI, Brenda Debona; CORONA, Hieda Maria Pagliosa.; IAGNECZ, Rachel de Souza Fonseca. Transmodernidade: uma análise dos efeitos do eurocentrismo na dominação do gênero e no encarceramento feminino. **Seminário Internacional Sobre Desenvolvimento Regional - Processos, Políticas e Transformações Territoriais**, Santa Cruz do Sul, RS, 2019, pp. 1-22.

TORRACO, Richard J. Writing Integrative Literature Reviews: Using the Past and Present to Explore the Future. **SAGE**, 2016, v. 15, n.4, pp. 404–428.

VALLEJO, Ivette.; ZAMORA, Giannina.; SACHER, William. Despojo(s), segregación social del espacio y territorios de resistencia en América Latina Presentación del dossier. **ÍCONOS**, v. 64, 2019, pp. 11-32.